



## BECO DO RODOVALHO

Situado entre as Ruas do Góes (Cesar Bierrembach) e Formosa (Conceição), popularizou-se com o nome de uma firma comercial que durante muitos anos se estabeleceu nas proximidades (Antonio Proost Rodovalho & Irmão).

Em 23.12. Em 1872 recebeu o nome de Domingos da Costa Machado, neto de Barreto Leme, que foi a primeira criança batizada na paróquia.

Essa denominação, contudo, não prevaleceu.

Nome atual: BECO DO RODOVALHO

(Extraído de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1648", às fls. 6 do 2º Caderno da edição especial do jornal "Correio Popular" de Campinas, do dia 14 de julho de 1974. Edição comemorativa do Bicentenário de Campinas).

anpv/02/83

## RUA CORONEL RODOVALHO



A nomenclatura seria em memória de Antônio Proost Rodovalho. Ele e um irmão eram proprietários de uma firma comercial dedicada à refinação de açúcar, que operou durante muitos anos nas imediações, "rua do Góis", vindo a popularizar aquele ponto com o nome de "beco do Rodovalho".

Entretanto, com o passar do tempo, o nome de "beco do Rodovalho" foi trocado por "Coronel Rodovalho", cidadão sem vínculos com a cidade que apenas umas poucas vezes visitara.

Era militar radicado no Rio de Janeiro. Parente de Antônio Proost Rodovalho, foram sua patente e nome que se fixaram naquela rua.

No plenário de 23 de dezembro de 1872, o dr. Ricardo G. Daunt apresentou a indicação: "que se desse o nome de "Beco de Domingos da Costa" - à rua que se estende da rua do Góis até a rua Formosa, em comemoração do fato que o distinto campinheiro Major Domingos da Costa Machado, neto por parte maternal do fundador Francisco Barreto Leme, foi a primeira pessoa batizada na Pia Paroquial", o que foi aprovado contra o voto do vereador Joaquim Alves de Almeida Sales Júnior. Contudo, o povo não acolheu essa denominação, preferindo adotar o nome português "Rodovalho" que era muito popular.

(Extreido de págs. 115/116 do livro "Campinas - Ruas da Época Imperial"; de autoria de Edmo Goulart, edição de 1983, impresso na Editora Maraneta, à rua Piracicaba, 232, Campinas, SP).



O centro de Campinas hoje não lembra em quase nada a pacata cidade do café. Por onde antes circulavam morosa e tranquilamente bondes e carroças, hoje roncam os motores de carros modernos com suas buzinas estridentes. Onde, em outros tempos havia velhos casebres dos barões do café e casa, humildes de grandes tijolos rebocadas com barro, hoje há tão imponentes quanto amedrontadores, os grandes edifícios. São poucas as casas que ainda resistem ao progresso e à especulação imobiliária. Espremido entre um edifício de 15 andares e outro de três em pleno centro, um velho casebre, construído na época da escravidão, é um exemplo de heróismo. No número 41 da rua Cel. Rodovalho — ou o "Beco do Rodovalho", que é como o povo a conhece — aquela casinha de três cômodos, pintada de amarelo e com janelas verdes, chama a atenção de quem passa pelo centro, por mais apressadas e insensíveis que sejam as pessoas na cidade moderna.

#### Sede de fazenda

O que ninguém pode suspeitar — apenas olhando da rua — é que aquele casebre escondido atrás de muro alto, se constitui numa verdadeira reliquia da história de Campinas. Ali moraram os Case Vianna, uma das mais antigas e tradicionais famílias da cidade. A casa foi na verdade uma das sedes de uma grande fazenda, onde se destacava a olaria, responsável pelos tijolos de um sem número de casas construídas em Campinas, ainda na época do Império. Eram tijolos enormes, retangulares e quadrados, com braços imperiais gravados cuidadosamente.

A velha fazenda foi sendo paulatinamente extinta, acompanhando a decadência do café. A es-

cravidão foi abolida do Brasil, e as terras foram sendo loteadas aos poucos, à medida que Campinas se expandia. O velho barão Case Vianna morreu, deixando a herança de seus bens para os filhos. As terras foram sendo vendidas, mas as casas resistiam.

A olaria foi fechada ninguém sabe precisar quando, e os empregados tiveram que procurar outra ocupação. Dona Edith, uma das filhas do barão Case Vianna, lutou desesperadamente para manter um mínimo da tradição da Fazenda. Campinas multiplicava-se, as ruas cresciam, o "progresso" exigia reformulações. Tão só e isoladamente quanto a sua própria condição de solteirona, dona Edith resistiu até quando pôde.

#### Inquilinos há 20 anos

Quem conta a história da resistência de Dona Edith são os inquilinos Rodolpho e Maria Vitória Cicalta, que moram há 20 anos na casinha da rua Coronel Rodovalho, pagando religiosamente o aluguel mensal. O seu Rodolpho tem "quase 80 anos", e encontra muitas dificuldades para lembrar dos fatos. A sua saúde foi bastante afetada depois que teve uma parada cardíaca. "Eu também não sou muito de falar. Eu prefiro o silêncio do meu quartinho e viver aqui isolado. Não tenho motivos para sair às ruas na minha idade".

Dizendo que só conhece a história de sua casa depois que foi morar ali, Dona Maria Vitória, lembra-se ainda do dia em que, depois de anos de pressão, Dona Edith Case Vianna resolveu vender outras duas casas da fazenda, que ficavam onde hoje há uma garagem da César Bierrenbach:

— Eu fiquei com muita dó. Já fazia uns tempos

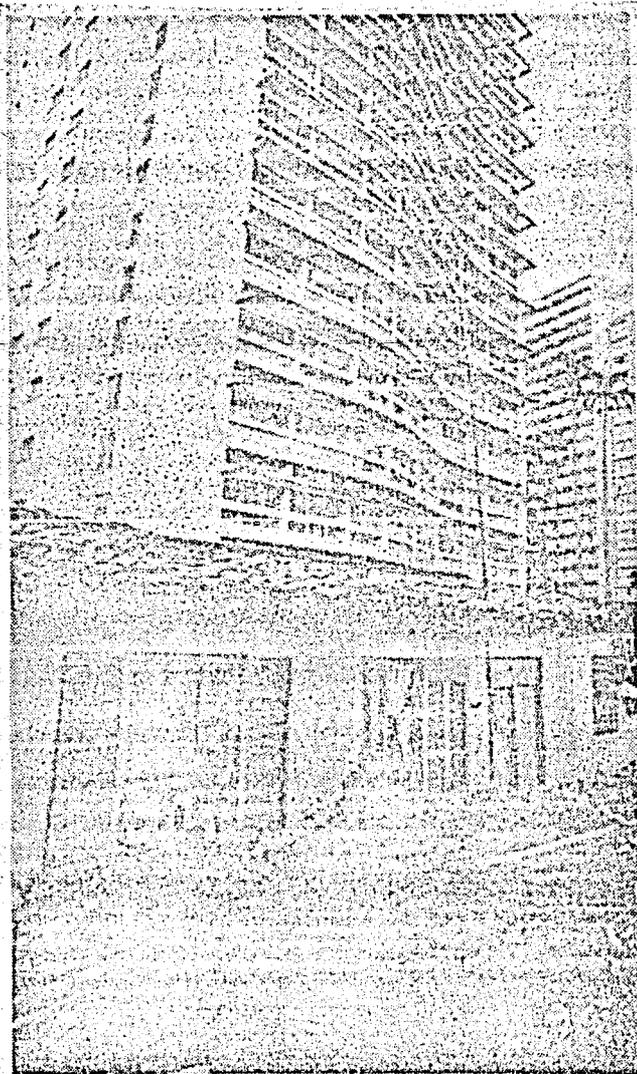
que ela vinha falando que muita gente estava pressionando para que ela vendesse as casas. Por ser uma pessoa bastante culta, Dona Edith tinha amor pelas coisas do passado. Ela dizia que as casas representavam recordações dos pais, e do tempo em que era pequena. Mas não teve jeito. Quando teve de vender as casas, o senhor precisa ver como ela chorou.

As terras do café já não existiam mais, tendo cedido lugar para ruas, avenidas e carros. A grande e imponente olaria perdeu o seu espaço e a sua história. Onde antes os operários faziam quase que artesanalmente tijolos e telhas, hoje fica o Clube de Cultura Artística, com a sua moderna fachada, de frente para a Avenida Anchieta.

Até quando pôde andar — hoje ela se encontra confinada numa casa da rua Dr. Quirino — Dona Edith olhava para o casebre do "Beco do Rodovalho", como quem vê um álbum de fotografias antigas, ou quem assiste a um filme de reconstituição histórica.

O casal Rodolpho e Maria Vitória Cicalta acabou entrando na história da família Case Vianna meio por acaso. Eles moravam à rua Antonio Cesarino, mas não estavam muito contentes. Num dia do ano de 1962, o seu Rodolpho andava tranquilamente pela Coronel Rodovalho, quando se deparou frente "àquela casinha velha, com as paredes quase caindo". Ele procurou saber de quem era e conseguiu chegar até a Dona Edith. Esta, preocupada com o estado de conservação da casa, não hesitou em alugá-la. Mesmo porque o seu Rodolpho era pintor e electricista por profissão, além de também ter noções dos serviços de pedreiro.

(De uma reportagem intitulada "No Beco, Um Reduto de Nosso Passado", publicada no jornal "Diário do Povo" de 18-abril-1982).



*Espremido pelo progresso, o casebre resiste*

## O quintal que já foi uma fazenda

Depois de alugado, em pouco tempo o casebre que estava em ruínas, ganhou novas feições, recebendo a pintura amarela que até hoje conserva. Os assoalhos e algumas portas tiveram de ser trocadas, já que estavam apodrecendo. Apesar dessas reformas, não foi afetado o visual, permanecendo ainda hoje a fachada simples e as paredes grossas e rebocadas com barro. Se na parte externa o muro é de cimento, por dentro o revestimento ainda é do tempo da escravidão, sendo feito apenas de paus trançados e barro.

No quintal — hoje minúsculo — que já foi parte da Fazenda, ainda existe uma parreira (que dá bastante uva, garante o seu Rodolfo), um pé de mamão e uma mesa com um motor, onde um

esmeril serve para afiar facas. Guardados cuidadosamente embaixo do guarda-roupa, estão dois tipos de tijolos com os símbolos do Império.

Os detalhes da casa, do quintal, e as memórias de seu Rodolfo, Dona Maria Vitória e Dona Edith, são o atestado vivo de uma parte da história de Campinas. Pena apenas é que com os seus quase 90 anos de testemunho, Dona Edith Case Viana tenha de permanecer isolada em seu quarto na Rua Dr. Quirino, semi-paralítica, e não possa contar com as suas próprias palavras, como é que ela conseguiu fazer com que o casebre do "Beco do Rodovalho" resistisse ao tempo, e permanecesse ainda hoje em pé, em pleno centro de Campinas, apesar do progresso.

(De uma reportagem intitulada "No Beco, um reduto de Nosso Passado", publicada no jornal "Diário do Povo", de 18-abril-1982)